



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JOÃO BALDUINO DE BRITO NETO

**A imagem de Cristo e a iconografia cristã: o papel das representações na
construção de padrões, mitos e preconceitos.**

CAMPINA GRANDE
ABRIL DE 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JOÃO BALDUINO DE BRITO NETO

A imagem de Cristo e a iconografia cristã:

O papel das representações na construção de padrões, mitos e preconceitos.

Monografia, apresentada ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. José Otávio Aguiar

CAMPINA GRANDE

2022

JOÃO BALDUINO DE BRITO NETO

**A imagem de Cristo e a iconografia cristã:
Uma análise sobre o papel das representações na construção de padrões,
mitos e preconceitos.**

Trabalho de Conclusão do Curso avaliado em 11/04/2022 com o conceito 9,0

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Otávio Aguiar - UFCG

Orientador

Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza - UFCG

Examinadora interna

Prof. Me. Bruno Pereira Barbosa

Examinador externo

Este trabalho é dedicado aos meus pais, Zenildo e Vera, a minhas irmãs, Virginia Ohana e Maria Isabel, e minha namorada, Mariana, que de todas as formas possíveis me apoiaram, depositando em mim grandes expectativas e incentivaram minha pesquisa. Dedico também, boa parte dessa obra, aos entusiastas da educação, todos que, assim como eu, vêem no processo formador a única forma de libertação e construção de uma sociedade cada vez mais justa.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Zenildo Xavier e Vera Lúcia, que desde sempre me proporcionaram a melhor forma possível de educação - seja ela escolar ou não. Me formaram ser humano em caráter e respeito. Meus pais foram referência de luta, dedicação e amor, mostrando que o apoio nos fortalece, nos motiva e nos permite crescer, apesar de todas as dificuldades caminhar juntos sempre foi regra e isso me incentivou a lutar e me ensinou a viver. Hoje sou homem graças a eles, mas não no sentido patriarcal e conservador e sim no sentido humanitário.

Meus familiares, irmãs, avó, tios, tias e primos, que por várias vezes me mostraram o valor dos momentos de alegria, risadas e descontração. Dentre tantos momentos me foram uma saída, um refúgio, diminuíram minha ansiedade e insegurança. Meus familiares me mostraram muitíssimo - seja de como agir ou como não agir - foi através deles que pude entender que o cristianismo vai além de frequentar o templo e conhecer o rito, é mais que palavras e orações decoradas. Agradeço imensamente aos contra-testemunhos que ouvi e vi, eles me permitiram chegar a este tema e relacionar minha religiosidade com a história e o campo social.

Agradeço à minha namorada, Mariana Ferreira, por vir comigo até aqui e me permitir planejar um futuro. Em tanto tempo aguentando minha ausência, entendendo minhas faltas e cobrando minha dedicação à escrita deste trabalho. Sem esse apoio não teria chegado aqui, não teria esperanças sobre o futuro e minha capacidade acadêmica.

Ao meu orientador, prof. Dr. José Otávio Aguiar, que com seu conhecimento ímpar, sua didática e sua disponibilidade embarcou junto a mim nesta escrita desafiadora. Junto a ele faço menção aos demais professores do departamento, professores e professoras que nos mostram a importância de conhecer e zelar pela história, conhecer o passado para evitar um futuro caótico, assim me apaixonei pela história e historiografia, a partir de exemplos excelentes como os do departamento de História da UFCG.

Aos meus colegas de turma, que me permitiram trilhar o caminho de cada disciplina com mais leveza. Agradeço a vocês por me mostrarem um novo ângulo de ver a história, um dinamismo que deu certo e uma diversidade que se preencheu

a cada período, como sempre fiz questão de deixar claro: devo boa parte do meu curso a vocês.

Agradeço ao Alfa, que foi sustento nos momentos de solidão, auxílio da minha fé e porto seguro em momentos de crise. Graças a vocês pude ver que ser cristão é lutar pelo próximo e, desde a etimologia da palavra, ser cristão é buscar ser um novo Cristo, por isso a luta por igualdade é a premissa do Amor. Vocês não me deixaram só com meus pensamentos e na minha forma de ver a fé, junto a cada um pude entender a tradição da Igreja como indispensável e as lutas sociais e políticas como ato de amor ao próximo.

Agradeço ao tempo por passar e permitir que mudemos, por nos permitir sermos novos a cada dia e não nos esquecer. Agradeço a História, por não perdoar nada, tornando cada ação uma causa das mais variadas consequências. Por fim, agradeço a Deus pai, a Jesus e ao Espírito Santo, por permitirem e formarem toda e qualquer existência, Eles me inspiraram a este escrito e a esta temática e graças à trindade sou capaz de realizar isto.

"Para o cristão fiel, tanto a vida quanto o texto da palavra de Deus são um processo graduado de reconstituição histórica. Se você não pode acreditar em nada que seja o resultado de uma reconstituição, então talvez não reste mais nada em que acreditar"

(JOHN DOMINIC CROSSAN)

RESUMO

O trabalho busca discorrer acerca da construção das representações iconográficas ao longo da história do cristianismo e a importância dessas representações ao longo da determinação de padrões e verdade. Com esse objetivo, pesquisamos entre os autores da história de Cristo, como Barth. D. Hermann e John Dominic Crossan, com o objetivo de entender a presença de Jesus no recorte pobre da sociedade judaica do século I, tratamos de autores do judaísmo, a exemplo de Simon Schama e Ivan E. Rocha, com ênfase na formação e fechamento desse povo às interferências de outras culturas, e da história das artes como Gombrich para entendermos desde a presença de Jesus na classe pobre de Israel, passando pela construção do povo judeu e seu costume de negar o uso de imagens, até a construção da arte cristã como resultado de misturas e contatos das mais diversas culturas. Por fim, utilizamos do trabalho de autores como Eduardo França Paiva para expor a importância das imagens ao longo da formação humana enquanto dotada de verdades, preconceitos e crenças. Com a intenção de ilustrar o debate apresentamos algumas iconografias que justificam nosso trabalho e concluímos a força destas para a concepção de preconceitos e verdades na contemporaneidade. Considerando a discussão sobre arte, religião e costumes, guiamos o trabalho em uma linha de história cultural e mantemos o debate debruçado nesses estudos.

Palavras-chave: Iconografia; Preconceitos; Cristianismo.

ABSTRACT

The work seeks to discuss the construction of iconographic representations throughout the history of Christianity and the importance of these representations throughout the determination of standards and truth. To that end, we searched among the authors of the history of Christ, such as Barth. D. Hermann and John Dominic Crossan, in order to understand the presence of Jesus in the poor cut of Jewish society in the first century, we deal with authors of Judaism, such as Simon Schama and Ivan E. Rocha, with emphasis on formation and closure from this people to the interference of other cultures, and from the history of the arts like Gombrich to understand from the presence of Jesus in the poor class of Israel, through the construction of the Jewish people and their custom of denying the use of images, to the construction of Christian art as a result of mixtures and contacts of the most diverse cultures. Finally, we use the work of authors such as Eduardo França Paiva to expose the importance of images throughout human formation as endowed with truths, prejudices and beliefs. With the intention of illustrating the debate, we present some iconographies that justify our work and conclude their strength for the conception of prejudices and truths in contemporaneity. Considering the discussion about art, religion and customs, we guide the work in a cultural history line and keep the debate focused on these studies.

Keywords: Iconography; prejudices; Christianity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - A cura do parálítico (Século III).....	30
FIGURA 2 - Jesus com os apóstolos (Século IV).....	31
FIGURA 3 - Cristo entre Pedro e Paulo (Século IV).....	31
FIGURA 4 - Mosaico de Cristo.....	33
FIGURA 5 - Autorretrato de Albrecht Dürer.....	40
FIGURA 6 - Napoleon i St. Bernhardpasset, 1800.....	46
FIGURA 7 - Pecado e banimento.....	47

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. QUEM FOI JESUS DE NAZARÉ?.....	14
3. A REGIÃO DA PALESTINA E UMA BREVE HISTÓRIA DO JUDAÍSMO..	21
4. A HISTÓRIA DA ARTE CRISTÃ.....	27
5. O USO DA IMAGEM E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO HUMANA.....	41
6. CONCLUSÃO.....	50
7. REFERÊNCIAS.....	53

INTRODUÇÃO

Ao longo da história do cristianismo, sobretudo quando tratamos do messias desse movimento religioso, surgiram especulações sobre sua aparência, se ele seria negro ou realmente teria traços europeus. Além disso, existe a busca por uma representação fidedigna ou divinizante de Jesus e raramente se encontra uma representação com estereótipos diferentes do ariano, estereótipos que priorizem os traços do Oriente Médio - de onde se origina o judaísmo, religião do messias cristão - são raros e pouquíssimo utilizados. A teologia dispensa o debate e a historiografia muitas vezes acaba sendo controversa, evidentemente que chegar a uma conclusão sobre esse debate é impossível, já que em nenhum momento a aparência dessa personalidade histórica foi relevante aos seus contemporâneos. Ademais, tratar da iconografia ao longo da história e o seu papel na sociedade é indispensável para entendermos que ela está presente ao longo da construção de verdades e, por isso, deve ser questionada e utilizada ao longo dos estudos acerca da determinação de padrões, preconceitos e concepções de verdade.

Com a potência de contribuir com o mundo acadêmico estimulando o debate acerca da história da arte e seu papel determinante, através da iconografia, para a formação do mundo contemporâneo o presente trabalho busca discorrer sobre essa linha, não com o objetivo de concluir o debate acerca da aparência de Cristo, mas, por outro lado, identificar o processo de construção dessa aparência e sua influência no processo normalizador de conceitos como o de feminilidade, civilidade, o próprio eurocentrismo e disseminação de preconceitos. Além disso, esse trabalho visa elencar o processo de formação da arte, com foco na iconografia, enquanto ferramenta pedagógica utilizada para a doutrinação de corpos e comportamentos, tal qual pensamentos, medos, etc. Para tanto, faço um caminho pela historiografia de Jesus e do judaísmo, como base para debater a arte cristã e seu papel determinante ao longo da formação humana, almejando uma criticidade acerca desse papel.

Para chegar à construção deste foram realizadas pesquisas bibliográficas e através da internet, além de debates acadêmicos, com o objetivo de esclarecer o papel determinante da iconografia. Seja na missão catequética, seja no estímulo ao desenvolvimento da linguagem, seja na construção de verdades e determinação de padrões, nos mais variados âmbitos a iconografia se mostra presente e

determinante. Para tal, utilizando de teóricos como Jacques Le Goff, Marc Bloch e Jean Delumeau, transitei sobre uma construção histórica acerca dos medos, da padronização e criação de verdades que tiveram na iconografia sustento para sua permanência na imaginação da humanidade ao longo da história. Através da religiosidade a imagem determinou padrões de certo e errado, evidenciar o processo e alguns desses padrões está dentre os objetivos deste trabalho, assim como estimular a pesquisa e crítica desses padrões.

Num primeiro momento apresentarei o Jesus de Nazaré, personalidade histórica que viveu na Palestina do século I, o messias do cristianismo esteve na parcela pobre e esquecida. Utilizando de autores como Barth, D. Ehrman, John Dominic Crossan, André Chevitarese e Pedro Paulo Funari, o capítulo 1 elenca a presença de Jesus numa camada inferior da sociedade judaica e vivendo em um tempo no qual se falava da chegada do messias. Podemos entender a vida de Jesus como algo que não chamou atenção na sua época, já que o messias esperado na tradição judaica descenderia da linhagem de Davi e não seria proveniente da pobreza, pregando igualdade e possibilidade de salvação ainda em vida. Jesus foi determinante na história, marcou o tempo - tanto que se marca o calendário antes e depois dele - e deu origem a uma das maiores instituições religiosas do mundo.

Dando continuidade ao entendimento sobre Jesus, surge a necessidade de entender o judaísmo e a Palestina contemporâneos a ele. Aqui, recorro à Simon Schama e a Ivan E. Rocha, que auxiliam na construção do capítulo 2, é fundamental entender que a Palestina foi uma região judaica, dominada pelo império romano desde 62 a.e.c, mas o povo judeu esteve dominado durante muito tempo, chegando a precisar sair de seu território e contatar com outros povos e influências e isso foi determinante na formação desse povo. É nesse contexto que entendemos a dificuldade de determinar a aparência de Cristo, pois ele provém de um povo de etnia muito diversa. Ademais, os judeus são detentores de uma história enorme e esse capítulo busca situar o leitor acerca do recorte temporal desejado.

Entendido o contexto da vida de Jesus e o contexto no qual vivia, além da formação do povo judeu, discorro acerca da história da arte cristã. No terceiro capítulo foco nos escritos de Gombrich, concluindo que a arte cristã foi construída a partir de misturas. Surgida da ausência - não absoluta - da iconografia judaica, o cristianismo percorreu seu caminho repleto de influências, as primeiras imagens

marcam a influência do helenismo, a influência do Oriente chegou ainda na idade média com formas de representação não muito marcadas pela fidelidade à natureza. A arte cristã buscava representar a divindade, foi usada como ferramenta pedagógica e catequética, tendo padrões constantemente modificados e estabelecidos ao longo de sua formação. Assim, a arte cristã foi, gradativamente, ganhando espaço e se afirmando como parte integrante do catolicismo.

Destarte chegamos ao quarto capítulo, onde, baseado no historiador Eduardo França Paiva, destaco o papel da iconografia ao longo da história e sua função determinante para a contemporaneidade. Roger Chartier auxilia a construção desse debate com seu conceito sobre cultura e representação, ao debater a construção da cultura como resultado das representações o autor evidencia a influência desta e sua importância. A partir do conceito de encarar as fontes, de Michel de Certeau, encaro a imagem como uma fonte e, destarte, lhe faço questionamentos com o objetivo de esclarecer a intencionalidade acerca do processo formador desta iconografia. É entendendo a importância da imagem e a intencionalidade do contexto de sua construção que podemos entendê-la ao longo da história como ferramenta.

A iconografia é uma das várias determinantes ao longo da história e foi fundamental nesta, já que auxiliou na construção do papel de feminilidade - seja esse papel como sendo o feminino propício ao pecado, devido ao pecado original de Eva, seja enquanto feminino inclinado a maternidade e ao cuidado, representado pelo rosto sereno da virgem Maria, na construção de heróis populares como Tiradentes que, pintado com feições semelhante às do próprio Cristo, tornou-se mártir da confiança mineira ou nas mais diversas áreas da sociedade a imagem foi determinante. Assim também aconteceu no campo social ligado à religião e determinaram-se padrões e verdades.

Por fim, busco concluir o processo iconográfico como determinante na construção de padrões, de ideias e costumes, as imagens difundidas pela igreja e seus artistas como detentores de uma influência ímpar no processo formador da sociedade contemporânea. Através da imagética a sociedade se formou, os padrões e preconceitos surgiram e a partir da análise desse processo conseguimos entender que muito se deve ao mau uso de religiosidade e ao desejo de usar a iconografia como ferramenta disciplinadora e determinante da sociedade.

1. QUEM FOI JESUS DE NAZARÉ?

Apresentar um relato sobre Jesus é uma busca que já se tornou repetitiva e desgastante ao longo dos estudos historiográficos sobre o próprio nazareno e o cristianismo. Dessa forma, se faz necessário entender que essa construção é constante e subjetiva, podemos subentender a imagem do Messias do cristianismo a partir do contexto judaico e romano do mediterrâneo no século I, a partir de pesquisas que utilizam de escritos, documentos e a própria bíblia como fontes.

Nascido em Nazaré, na Galileia, que fazia parte do império romano do mediterrâneo, Jesus viveu durante os governos de Herodes Antipas e Tibério, incomodou política, social, cultural e religiosamente os poderes e várias camadas da sociedade.

Durante a antiguidade a escrita e a leitura eram atividades de extrema exclusividade, além disso, "Jesus de Nazaré foi um judeu obscuro, proveniente da raia miúda(...)" nesse brevíssimo recorte, o francês Voltaire (1694-1778) pontua o pertencimento de Jesus à camada baixa da sociedade, portanto, fazer o estudo histórico dessa personagem é um trabalho voltado muito mais à memória do que qualquer outra coisa, aqui, sabemos que os textos bíblicos são escritos, em geral, de 50 e.c. até o século II, 200 anos após a morte de Jesus, tendo sido feitas mudanças consideráveis nos escritos, seja pra justificar discursos ou construir novas idéias.

"A história se faz com documentos. O passado já não existe e apenas podemos conjecturar a seu respeito por meio de testemunhos, diretos e indiretos, materiais ou materiais"
(CHEVITARESE, 2012)

Além disso, os relatos foram feitos na língua aramaica e traduzidos para o grego, dessa forma muito se modifica, se perde e se adiciona, já que, os relatos escritos, muitas vezes, foram feitos por autores que não tiveram contato com a realidade da Galileia.

Utilizando de Marcos, Mateus e Lucas (livros do novo testamento, que relata a passagem do messias na terra e suas mensagens e modo de vida) podemos concluir que Jesus foi um judeu de Nazaré, nascido em Belém, na Judeia (Mt 2; Lc

2), próximo Séforis¹, filho de um carpinteiro e que foi batizado por João no rio Jordão. Podemos também concluir a linguagem utilizada no contexto como sendo aramaico: "E tomando a mão da menina disse-lhe: *Talita cumi* - que, traduzido, é: menina, a ti te digo, levanta-te" (Mc 5). Nesse contexto temos acesso direto à linguagem de Jesus e podemos concluir a sua origem linguística.

Ao tratarmos da infância de Jesus, deparamo-nos com a ausência de informação, o que nos sugere que esse recorte de sua vida não importou aos seus seguidores diretos e aos que vieram depois. Os relatos iniciam com o batismo do Nazareno, no rio Jordão. João Batista, contemporâneo de Jesus, foi uma das imagens icônicas da historiografia messiânica, tem sua importância confirmada no relato de sua morte, feito por Flávio Josefo da seguinte maneira:

"Alguns judeus pensavam que a destruição do exército de Herodes veio de Deus, de forma justa, como punição pelo que ele havia feito contra João, chamado Batista: pois Herodes o matara, ele que era um homem bom e pregava para que os judeus praticassem a virtude, tanto pela justiça de uns para com os outros, como pela reverência a Deus, para isso vindo ao batismo. Esta lavagem era aceita por ele, não se fosse para terem alguns pecados perdoados, mas para a purificação do corpo. A alma devia estar purificada antes pela retidão. (ando muitos vieram em multidão até João, movidos por suas palavras, Herodes, que temia a grande influência de João sobre o povo, o que permitiria que estimulasse uma revolta (pois pareciam prontos a fazer o que ele dissesse), pensou ser melhor matá-lo. Isto impediria qualquer anão contrária causada por João e não traria dificuldades para o rei, que poderia arrepender-se muito tarde de tê-lo deixado vivo. Assim, foi aprisionado em Maquerus, castelo que mencionei antes, e morto. Os judeus consideraram que a destruição do exército de Herodes foi uma punição, para mostrar O desagrado de Deus" (Antiguidades judaicas 18, 5, 2, parágrafos 116 - 119)²

Vendo que João Batista despertou temor em Herodes, podemos concluir o contexto contemporâneo ao profeta e ao messias. O império romano vivia numa política que garantia a pacificação do território através de alianças com as lideranças locais, nas quais a população judaica fazia parte.

Para chegarmos à descrição de Jesus em seu período de atividade relatado no novo testamento e estudado pela história, precisamos entender a importância e a influência do profeta supracitado: João Batista. O movimento batista atraía cada vez mais seguidores, lhes anunciava a chegada do Messias, pregava elite e o rei como

¹ Cidade grego-romana, centro administrativo da Galileia no período de Herodes.

² Escrito por Flávio Josefo. Retirado do livro: JESUS HISTÓRICO - UMA BREVÍSSIMA INTRODUÇÃO

bárbaros, tudo em uma linguagem popular, abriu mão de ritos como o *mikve*³, já que lidava com o povo e tornava-se difícil manter tamanho rigor, nesse contexto atraiu cada vez mais adeptos e passou a amedrontar as aristocracias governamentais - num contexto palestino-judaico onde a tensão sociopolítica crescia graças a insatisfação com a taxaçoão opressiva e as políticas sociais⁴ - o que culminou na sua morte. João esteve presente e ativo no judaísmo do século I, profetizando a vinda do Messias e o fim dos tempos, um judeu de seu tempo, que lutava contra a cultura grego-romana e suas ambições.

O judaísmo helenista, presente no século I, se dividia, ainda, entre exclusivo e inclusivo. No movimento exclusivista a tradição e a manutenção da raiz com a mínima influência externa é o que prevalece, quando tratamos do movimento inclusivo tratamos da adaptação dos costumes, buscando a associação com o helenismo - corrente que unia a cultura grega aos costumes do mediterrâneo. Destarte, examinando o exemplo de João e o conhecimento que temos de Jesus, podemos afirmar seus atos, sua forma de pregar e acolher como parte de um judaísmo inclusivo.

Maria Clara Bingemer (2019), afirma que Jesus de Nazaré foi filho de uma mãe judia, que valorizava e prezava pelos costumes do judaísmo de seu tempo, sendo assim, concluímos que Jesus descende de uma linhagem judaica que preza pela pureza.

"Não se casem com pessoas de lá. Não dêem suas filhas aos filhos delas, nem tomem as filhas delas para os seus filhos, pois elas desviariam seus filhos de seguir-me para servir a outros deuses e, por causa disso, a ira do Senhor se acenderia contra vocês e rapidamente os destruiria." (Dt 7)⁵

De acordo com John Dominic Crossan⁶, em seu livro "O Jesus histórico - a Vida de um Camponês judeu do mediterrâneo" Jesus foi um judeu cínico. Caracterizando cinismo como:

³ Banhos rituais para purificação dos judeus que entravam em contato com impuros, estrangeiros, mortos ou doentes.

⁴ A taxaçoão crescia e o império romano se impunha cada vez mais. As revoltas crescentes envolviam protestos camponeses e surgimento de bandidos sociais e candidatos ao papel de messias, libertador do povo e fomentador de revoltas, os movimentos messiânicos incitavam revoltas e o banditismo crescia.

⁵ Passagem do Antigo Testamento que justifica o posicionamento do povo israelita sobre não casar com outros povos.

⁶ John Dominic Crossan é um teólogo conhecido por ser o co-fundador do controverso Jesus Seminar.

(...) "uma oposição à cultura da civilização mediterrânea que não se limitava à teoria e a contestação vazia; ela envolvia uma prática, um novo estilo de vida, uma maneira de se vestir, de comer, de viver e de se relacionar com as outras pessoas que mostrava o seu desprezo pelo apadrinhamento, pela honra e a vergonha." (CROSSAN, 1994)

Jesus e seus seguidores, ainda segundo Crossan, diferem dos cínicos greco-romanos pois estes davam mais atenção às cidades, às praças e aqueles davam mais atenção ao camponês e seu contexto, combinando um igualitarismo religioso e econômico com a negação de estruturas judaicas e romanas. Com esse judaísmo cínico e inclusivo Jesus de Nazaré inicia seus anos de destaque atuando na baixa Galileia.

Após seu batismo e a morte de João, provavelmente em 28 e.c, Jesus passou a pregar Deus como uma cura no presente, uma possibilidade de renovar, ainda no plano terreno, a vida. O nazareno passou a pregar a restauração da estrutura social, igualitarismo e desconstruir hierarquias, desconstruiu a distinção entre gentios e judeus e valorizava a pobreza

"Então disse Jesus aos seus discípulos: "Com toda a certeza vos afirmo que dificilmente um rico entrará no Reino dos céus. E lhes digo mais: É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos céus"(Mt 19)

Ou ainda, em Mateus: "Disse-lhe Jesus: 'Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me.'", tanto quanto em Lucas: "(...) disse-lhes: Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, faça da mesma maneira.", exemplos não faltam para determinar a sua pregação que valorizava a humildade e desapego material, dessa forma, as falas de Jesus passaram a incomodar a aristocracia da Palestina.

Além de criticar a riquezas, como foi supracitado, algumas tradições judaicas eram simplesmente ignoradas, como guardar o sábado⁷

⁷ Guardar o sábado: Jesus questiona o rigorismo da Lei de Sábado que impede de fazer o bem e declara que o sábado foi feito para o homem e não o contrário e que ele, o Filho do Homem, é também senhor até do sábado (Mc 2,28-29). Ele não desobedece à Torá, mas interpreta o preceito do descanso sabático em chave de bênção para o ser humano, e o faz não apelando à Torá, mas à vontade do Criador (BARBAGLIO, 2011, p. 472). Jesus recupera o verdadeiro sentido do sábado, colocando o dia de repouso a serviço do ser humano (Mt 12,1-12; Mc 2,27; Jo 7,23-24).

"(...) outra vez entrou na sinagoga, e estava ali um homem que tinha uma das mãos mirrada. E estavam observando-o se curaria no sábado, para o acusarem. E disse ao homem que tinha a mão mirrada: Levanta-te e vem para o meio. E perguntou-lhes: É lícito no sábado fazer bem, ou fazer mal? salvar a vida, ou matar? E eles calaram-se. E, olhando para eles em redor com indignação, condoendo-se da dureza do seu coração, disse ao homem: Estende a tua mão. E ele a estendeu, e foi-lhe restituída a sua mão, são como a outra. E, tendo saído os fariseus, tomaram logo conselho com os herodianos contra ele, procurando ver como o matariam."
(Mc 3)

Jesus foi escatológico⁸ e, segundo Albert Schweitzer, essa linha de pensamento é a chave para entender suas falas e ações. Falando do reino de Deus como sendo dos pequeninos, Jesus maculava a tradição judaica e a hierarquia tradicional, passou a incomodar tanto o sistema político vigente quanto à organização judaica.

Curando no sábado, defendendo adúlteras, tido como o rei dos judeus, criticando o acúmulo de bens e inúmeras outras posturas do nazareno deixaram atentos os olhares daqueles que tinham poder na região da Galileia. A oferta do messias era simples: fim das distinções, magia - ou milagre - em troca de um lugar à mesa, isso desafiava a visão de pureza do judaísmo, sua chegada à Jerusalém chamou atenção, aquele homem, assim como João, despertara movimentos populares, incitava os pobres e, sobretudo, se dizia rei, filho de Deus. A cosmopolita⁹ Jerusalém se preparava para a Páscoa judaica - comemoração da libertação do povo judeu por meio de Moisés -, quando a expulsão dos comerciantes do templo desagradou poderosos e "O que aconteceria a Jesus provavelmente era tão possível quanto o que já acontecera a João." (Crossan, 1994). No livro "Jesus Histórico Uma Brevíssima Introdução" André Leonardo Chevitarese e Pedro Paulo A. Funari deixam claro que, para a condenação, houveram "(...) preocupações das autoridades judaicas com os dois aspectos de sua pregação [da pregação de Jesus]: a) o caráter popular da sua pregação ("seduziu e desviou Israel") e b) seus poderes miraculosos ("bruxaria") (...)"¹⁰. A chegada de Jesus a Jerusalém foi o ponto

⁸ Escatologia: Corrente que trata do destino final do homem e do mundo; pode apresentar-se em discurso profético ou em contexto apocalíptico. Jesus fala do fim dos tempos.

⁹ Cosmopolita: grande centro urbano

¹⁰ Análise feita por Chevitarese e Funari a partir do seguinte texto: "Na véspera da Páscoa, pendurou-se Jesus de Nazaré. O arauto anunciou por quarenta dias: eis Jesus de Nazaré que vai ser apedrejado, pois praticou bruxaria, seduziu e desviou Israel(...)"

final de sua peregrinação, ali ele encontrou e deu motivos, aos olhos da aristocracia, para sua condenação.

Enquanto os romanos eram protegidos pelas leis do império, um estrangeiro podia facilmente ser condenado e morto, essa foi a intenção do Sinédrio¹¹, que condenou Jesus por blasfêmia, segundo Barth D. Ehrman, em "Como Jesus se tornou Deus?", a condenação se deu por crimes contra o estado. A crucificação era punição romana aos revoltosos, assim chegamos, cada vez mais, a conclusão de que a prisão do Nazareno teve viés político - blasfemando ser filho de Deus e o messias esperado, que era esperado como grande líder político ou militar¹², desagradou os judeus; destruindo os comerciantes no templo e pregando contra o acúmulo de riquezas, desagradou a aristocracia; apontado como rei dos judeus e movimentando multidões, assim como João, desagradou o império romano.

O tempo na cruz foi suprimido graças aos pregos, que apressaram a morte, uma vez que a tradição era usar cordas e amarrar o condenado, postergando seu sofrimento. Nesse ponto, a arqueologia nos ajuda a comprovar a verossimilhança entre a narrativa bíblica e a historiografia. A chegada da Páscoa apressou a vontade de ver os condenados mortos e retirá-los da cruz, já que a festa "(...) não combinava com cadáveres nas cruzes." (Chevitarese e Funari, 2012).

Jesus de Nazaré padeceu sob Pôncio Pilatos¹³, que se mostrava impiedoso e favorável à força bruta para reprimir qualquer manifestação, assim, presumir a realidade dos fatos é fácil. Jesus foi condenado por desagradar as classes poderosas, não só pelas mãos dos judeus, como por muito tempo buscou-se impor, mas também pelas mãos dos romanos e do governo aristocrático do império e da Judéia do século I. Mostrar apenas o judaísmo como culpado pela condenação do messias foi, aqui me dou o direito a interpretação crítica, uma forma que o cristianismo primitivo encontrou de estar próximo do império romano como autoridade do mundo conhecido e, posteriormente, garantir junto ao império a hegemonia da religião. Encerro, assim, o debate acerca do Jesus histórico, visto que o que sucede aos fatos aqui expostos é de particularidade da teologia. Destarte,

¹¹ Sinédrio: Concílio; Responsável pelos tribunais de justiça e suas composições, julgamentos, arbitragem, processos judiciais e condenações

¹² A espera do messias para o judaísmo:

¹³ Governador da Judéia de 26 a 36 e.c. "(...) governante feroz e violento, de temperamento maldoso, que não demonstrava interesse nenhum em mostrar misericórdia e bondade aos súbitos e não manifestava respeito pelas sensibilidades judaicas." (EHRMAN, Bart, D. "COMO JESUS SE TORNOU DEUS, P. 97)

espero ter esclarecido os aspectos históricos da vida e ações desta personalidade que revolucionou a forma de se ver a religião e a religiosidade.

2. A REGIÃO DA PALESTINA E UMA BREVE HISTÓRIA DO JUDAÍSMO

Para entendermos o papel do judaísmo na construção da iconografia cristã e na influência da aparência de Jesus, precisamos entender a história desse povo que descende de Abraão e das tribos do Oriente Médio.

De forma geral, a Palestina foi uma região que, durante o domínio do império romano, exerceu papel importante graças à sua localização geográfica. Ademais, a região também pode ser vista, pelos olhares religiosos, como: *País de Canaã*, a terra prometida aos judeus, terra para a onde Deus lhes conduziu. Atraindo a atenção e passando pelo governo de diversos dominadores, a região esteve sob as ordens de "(...) assírios (733 a.C.), babilônios (588 a.C.), persas (539 a.C.), ptolomeus (323 a.C.) e selêucidas (198 a.C.)" (ROCHA, 2004) e, posterior e claramente de forma mais marcante, dos romanos. No século I, de acordo com Andréia Cristina L. Frazão da Silva, a região era uma extensão de terra mediana, situada entre a África e a Ásia, dividida entre áreas menores, como a Galileia, Jerusalém, etc.

Ao longo do exílio - Período anterior a Ciro, entre 587 e 538 a.e.c, no qual o povo de Israel fugiu de suas terras - as escrituras ganharam grande importância neste período, superando inclusive o templo, já que altares ou outras referências físicas de culto foram destruídas pelos dominadores e os judeus deixaram suas terras. Durante esse período de exílio os judeus se espalharam pelo oriente médio e se viram como resistentes à influências de outras culturas, a restauração do povo judeu em seu território passa a representar resistência e reconstrução daquela cultura.

Durante o século V a.e.c. o império Persa tomou o domínio da Babilônia e passou a comandar o Oriente Médio, assim a Palestina tornou-se local de passagem do exército (TOGNERI, ZANONI, 2019). Ao chegar ao poder Ciro¹⁴ permitiu a restituição do culto e retorno dos exilados para suas pátrias, nesse contexto o judaísmo teve que se moldar às novas realidades e novas tradições surgiram e ganharam forças.

A partir da necessidade de defender a sua religiosidade e sua fé muitos hebreus¹⁵ utilizaram da oralidade para construir e repassar os ensinamentos da

¹⁴ Imperador persa que iniciou um novo formato de governo, além do ditatorial, permitiu a volta dos exilados, restauração de seus templos, tradições e espaços geográficos. Governo que lhe deu lugar de instrumento divino nos textos do profeta Isaías. (TOGNERI e ZANONI, 2019)

¹⁵ Hebreus: povo semita que se instalou em Canaã, descendentes de Abraão.

Torá, além de garantir a permanência dos costumes, marcando o judaísmo pela tradição oral baseada na escrita. De acordo com Bruno Pereira Barbosa os princípios da lei permeavam o dia a dia hebraico e ditavam a organização e o processo de formação dos costumes, prova disso são as *Halakhah* - leis do dia a dia derivadas da lei de Moisés - e com elas a presença dos escribas ou especialistas da lei, que representam a fascinação judaica pela Lei de Moisés, fascinação que viria a condenar Jesus de Nazaré (TOGNERI, ZANONI, 2019). Dessa forma, a lei judaica ganha prateleira acima de tudo, forma de garantir o cumprimento dos mandamentos da tábua da lei, tanto que os 10 mandamentos chegaram a se transmutar em mais de 600 leis e ditar cada passo dos judeus da antiguidade.

Duzentos anos depois de Ciro, com o objetivo de dominar o Egito, assim como o povo persa, os gregos precisavam atravessar Judá e, em 333 a.e.c., expulsaram os persas da região para alcançar seu destino final. Começou assim a dominação helênica sobre o povo judeu, Alexandre Magno tinha um projeto de difusão do Helenismo pelo mundo, contudo:

"Para os judeus da Palestina, o helenismo se transformou numa terrível ameaça à identidade do povo judeu" (...) "Para os judeus fiéis à Lei e ao culto no templo, o mais importante era a pureza de sua identidade, reagindo assim contra a helenização dos costumes judaicos."(TOGNERI, ZANONI, 2019).

Nesse contexto, o povo judeu se apresenta fechado à interferência da imagética tão forte na tradição helênica. O povo grego tem o uso da imagem como algo muito forte em sua tradição e isso marca a religiosidade greco-romana, o culto do físico, das formas, da razão, a pintura e as esculturas são marcas da cultura helênica e isso diverge dos costumes judaicos e essas são marcas do desafio de ser dominado por um povo divergente.

A política expansionista do império romano iniciou como medida de segurança e defesa contra possíveis inimigos, para manter sua cultura e seu sistema dominantes, conquistar terras para a agricultura e o pastoreio, dessa forma o império dominou outros povos e se estendeu por séculos em parte da Europa, Ásia e África. A sua chegada ao Oriente Médio se deu em 62 a.e.c, por meio do general Pompeu (BASTOS, 2009) e, a partir de então, a Palestina esteve sob novo dominador, o Império Romano. Foi mantida a política que utilizava as lideranças

locais dos territórios dominados, visando facilitar o governo e a mansidão dos povos dominados.

"(...) Herodes, o Grande (37 - 4 a. C.) obtém de Roma o título de *Idumeu*, rei da judéia. É no seu reinado, por volta do ano 7 ou 6 a. C., alguns anos antes da morte do Rei Herodes, o Grande (4 a. C.) e durante o governo do imperador romano Augusto¹⁶, que ocorre o nascimento de Jesus de Nazaré (MEIER, 1992). Durante a vida de Jesus, a Palestina foi governada, principalmente, pela dinastia Herodiana." (Bastos, 2009)

O governo de Herodes foi fortemente criticado e no seu governo, de acordo com Flávio Josefo¹⁷, a Palestina foi transformada em um país miserável e injusto. As práticas de Herodes não agradam e são combustível para a guerra civil. Sob o domínio do Império Romano os judeus passaram por perseguições e imposições de mudança comportamental e religiosa. Pilatos, governador da Judéia, entre 26 e 36 e.c., introduziu uma imagem do imperador na região e, assim como Calígula, imperador entre 37 e 41 e. c., tentou abolir o culto judaico e impor o culto ao imperador. Destarte, podemos entender o judaísmo como povo dominado e subjugado, por muito tempo, ao império romano ou seus predecessores.

Entendemos que, a exemplo dos dominadores supracitados, muitos foram os povos que estiveram em contato com o judaísmo e que muito embora a tradição judaica seja fechada a influências e mudanças externas, é improvável que não tenha existido nenhuma miscigenação, seja ela cultural ou física, de forma que o povo do Oriente Médio se misturou aos seus dominantes.

"No contexto judaico de inúmeras invasões que ocorreram no território de Israel, falar de uma identidade "pura" torna-se, também, um esforço linguístico, pois as trocas culturais, o contato com o estrangeiro, fizeram com que o povo de Israel se aproximasse de práticas "estranhas", àquelas que executavam em sua cotidianidade, tornando-se fatores que foram postos em um estado de alerta para a identidade judaica, sendo descritas até advertências dentro dos *mitsvot* da Torá. A Lei advertia quanto aos contatos com estrangeiros, que poderiam prejudicar o crescimento salutar da nação judaica e levar à desobediência dos seus costumes." (BARBOSA, 2020)

¹⁶Otaviano Augusto; primeiro imperador romano, instaurou a *pax romana* como modelo de governo para controlar o grande território que conquistara.

¹⁷Escritor nascido na Jerusalém do século I, filho de sacerdote judaicos, que se debruçou sobre a história dos hebreus.

Dessa forma, fica claro que o povo judeu se esteve longe de manter uma pureza no que diz respeito a interferência estrangeira, contudo esse foi um objetivo de seus mestres da lei e chegou a tornar-se mandamento. Tratando da identidade do povo judeu entendemos sua diversidade, mas abarcamos também sua busca por reservas a si.

Geograficamente temos a região como um recorte do mediterrâneo, do Oriente Médio, entre África e Ásia - a Palestina foi uma região entre 600 e 800 mil habitantes, sendo Nazaré, terra onde viveu Jesus, uma aldeia de no máximo 30 famílias -, que pertenceu ao império romano e a tantos outros. Portanto, tratamos de todas essas especificidades ainda no mundo antigo, antes de grandes navegações e interações entre culturas e étnicas além do oceano.

Sob o domínio do império romano, a região da Palestina desenvolvia papel de importante região econômica, devido a sua proximidade com o mar mediterrâneo a pesca e a agricultura desempenhavam papel importante na economia, o escambo e as feiras auxiliavam o lucro nas pequenas cidades e a administração centralizada em Jerusalém. Contudo, a política romana era clara: estando sob o controle do império a liberdade e a segurança eram garantidas através do pagamento de impostos, que chegavam a ser extremamente abusivos. Durante o governo de Herodes e seus sucessores os impostos foram destinados a projetos arquitetônicos e ao luxo da corte, a fome aumentou, o banditismo crescia e o messianismo esquentava os ânimos. Além do imposto destinado ao império romano e ao governo herodiano, os judeus ainda estavam relegados às cobranças por meio do governo judaico, centralizado em Jerusalém. Os judeus estavam nesse contexto, trabalhando para o pagamento de impostos, mal pagando os romanos e já cobrados pelos próprios judeus.

Ao tratarmos da organização social da região da Palestina durante a dominação romana, temos um retrato piramidal. No topo estão os sumo sacerdotes, o Sinédrio e o Estado romano dividindo os julgamentos, o Rei, o governador¹⁸ e a corte. Logo abaixo temos os latifundiários - de grande importância, já que a economia palestina estava baseada, sobretudo, na agricultura -, junto aos grandes comerciantes. No meio da pirâmide estavam os artesãos das grandes cidades, como Jerusalém. Por fim, temos a base da pirâmide, formada por artesãos das pequenas cidades e vilas -

¹⁸ Pôncio Pilatos pode ser um exemplo de governador.

classe à qual pertencia Jesus e seu pai, que, segundo a tradição, eram carpinteiros - escravos, doentes, loucos e todo tipo de marginalizado. Jesus estava na classe mais baixa, destinado à árdua labuta para o pagamento de impostos, já que além ser carpinteiro era proveniente da pequena cidade de Nazaré.

Simon Schama (2013), deixa claro que a chegada do povo judeu à Israel, a terra prometida, remete ao êxodo do Nilo, ao fim da escravidão daquele povo. A busca por lugares afastados, como Jerusalém, é a marca de seu desejo por pureza, exclusividade e distância da influência estrangeira e pagã. Em uma análise simplista, os judeus tiveram sua origem no Oriente Médio, próximo ao Egito. Entre a fuga da escravidão, idas e vindas e a mais de 500 anos antes de Jesus, "A identidade judaica se formaria, por fim, em algum ponto entre os dois polos culturais do Nilo e do Eufrates (...)" (SCHAMA, 2013).

A tradição judaica se baseia na crença de que aquele é o povo eleito e, dessa forma, não devem se misturar com outras religiões ou povos que detenham princípios que diferem dos seus.

"O judaísmo oficial pós-exílico se estruturou com base em muitas separações. Considerando-se uma nação eleita, separada dos demais povos, havia uma preocupação de preservar a comunidade, evitando a contaminação com aquilo que estes judeus julgavam que não fosse próprio da sua identidade e que pudesse macular a comunidade." (PERONDI, 2018)

Vemos, claramente, que a tradição judaica nega a mistura com outros povos, alguns costumes de purificação estavam presentes na sociedade justamente com o objetivo de se limpar do contato com estrangeiros. Durante o século I as correntes judaicas eram inúmeras, o judaísmo praticado por Jesus de Nazaré está mais distante daquele praticado no Templo, em Jerusalém, mais distantes de tantas exigências, contudo, sua divergência aos costumes lhe custou caro a partir do momento que incomodou as elites aristocráticas.

Os judeus estavam fechados à relação com outros povos, mesmo estando sob o domínio do império romano, eram fechados a entrada da cultura grego-romana no seio do judaísmo, os estrangeiros maculam a pureza e isso nos explicita que, numa interpretação crítica, os palestinos eram fechados a entrada cultural e étnicas, reforço, de outros povos. Ainda em 398 a.e.c a preocupação sobre a separação entre os judeus e pagãos se mostra tão presente que chega a tornar-se lei.

"Um comitê local de Oficiais anunciou a Esdras [sacerdote e especialista da lei judaica] que certos Israelitas eram culpados de casamento misto com habitantes pagãos das cercanias [...] Esdras não só rasgou as vestes, em sinal de profunda tristeza, mas também puxou os cabelos, a fim de mostrar sua indignação moral e sua ira. Chocado e perplexo, ele se sentou no átrio do Templo, enquanto se reuniam ao seu redor aqueles que temiam as consequências. Ao tempo do sacrifício vespertino ele se levantou de seu jejum e, com as vestes rasgadas, ajoelhou-se para orar, confessando – audivelmente – o pecado de Israel."(Samuel J. Schultz *in* TOGNERI, ZANONI, 2019)

Quando falamos do retrato do judeu, principalmente do século I, estamos falando de uma etnia específica do mediterrâneo, etnia que foi escravizada no Egito e que, posteriormente, passou a viver em Israel acreditando que aquela era a terra prometida. Ao fim deste capítulo desejo deixar claro que ao construir um retrato do homem palestino-judaico devemos entender todo esse contexto: a Palestina era uma região formada por diversos povos, os judeus passaram por vários dominadores, são um povo de origem mediterrânea e de uma cultura religiosa fechada à relação com o estrangeiro, um povo dominado por mais de mil anos, trocando experiências e relações, mesmo com a crença e a busca por pureza é quase impossível que ter a certeza que não existiu uma miscigenação e, destarte, podemos acertivamente declara-los como uma etnia miscigenada.

Tratando de Jesus, como judeu da raia miuda da sociedade (VOLTARE), observando sua origem em Nazaré e deixando de lado o mistério teológico que envolve o seu nascimento, podemos afirmar que sua posição era desfavorável. Além disso, concluímos que, como proveniente de famílias embebidas na tradição judaica - desde o casamento de seus pais, sua presença no templo quando criança, seus costumes religiosos e os lugares que frequentou, como deixa clara a passagem das bodas de Caná -, Jesus certamente retinha os traços fenotipicamente palestino-judaico do século I.

Conhecendo a região e observando a divisão política da Palestina, o domínio romano sob os impostos somados às tradições judaicas de valorização da palavra e dos costumes da Lei da Torah, podemos entender os motivos que fizeram de Jesus de Nazaré o modelo para calar os revoltosos, os movimentos messiânicos e o banditismo que cresciam cada vez mais do lado dos Palestinos para com o império.

3. A HISTÓRIA DA ARTE CRISTÃ

Entendida a formação do povo judeu, sua realidade durante o século I e.c. e parte da sua história, partimos ao estudo da arte, enquanto meio de expressão e disseminação da imagem de Cristo. Para tratarmos dessa representação e do seu uso, precisamos discorrer sobre a história da arte, sobretudo a arte cristã e sua formação partindo do costume judaico, bebendo da antiguidade greco-romana, passando pelo medievo com as influências bizantinas e orientais, tornando-se cristã e renascendo pela interpretação dos mais diversos artistas

De acordo com Gombrich, não existe Arte¹⁹, somente artistas e isso nos mostra que as representações partem de interpretações particulares de cada artista, seus gostos e suas intenções - que podem ser as mais diversas, desde a sua intenção particular até a intenção do financiador da obra, da época e a realidade do artista - devemos entender que "aquilo a que chamamos 'obras de arte' não é fruto de uma atividade misteriosa, mas são objetos feitos por seres humanos para seres humanos" (GOMBRICH) é nessa subjetividade humana que são formadas as imagem e que se constrói a imaginação.

Sobre a representação de Cristo, sabemos que sua aparência, além de não ser citada pelos escritos, não foi reproduzida por aqueles que o viram, portanto as imagens que temos hoje remontam da imaginação dos primeiros artistas do cristianismo e que, por séculos até a contemporaneidade, se diferem dos padrões aceitos são relegados ao lugar de blasfêmia. Dessa forma a construção dessa face passou por diversas influências, processos históricos e desejos de artistas, é isso que desejo neste capítulo: explicitar o processo de desenvolvimento da arte, num recorte que vai até o renascimento e a chegada dos europeus no novo mundo.

Recorrendo à historiografia da construção da iconografia cristã, retornamos à dominação romana sobre o oriente e à dispersão dos costumes romanos nesse território. Os romanos adotaram costumes gregos, na arquitetura, por exemplo. Além de influenciar o Oriente, como fica claro em Gombrich:

"Nos primeiros séculos depois de Cristo, a arte helenística e romana desalojou completamente as artes dos reinos orientais, até mesmo em seus anteriores baluartes. Os egípcios ainda sepultavam seus mortos como múmias; contudo, em vez de lhes adicionarem imagens

¹⁹ Com A maiúsculo, na ideia de monumento ou movimento que se caracteriza por ele mesmo.

no estilo egípcio, passaram a pintá-las por artistas que conheciam todos os estratagemas da arte grega do retrato" (GOMBRICH, P.)

A dominação romana modificou o modo de vida dos dominados, do fazer arte até o modo de construir e relembrar os mortos, determinando o certo e o errado a partir da influência helenística que recebera.

Retratar deuses através do rosto humano era um costume da religião romana, os retratos dos comuns eram uma forma de preservar a alma. Contudo, os artistas tinham liberdade para retratar o rosto de forma mais realista possível, nos permitindo ver obras que retratam Pompeu, Augusto, Tito ou Nero com verossimilhança à realidade. (GOMBRICH)

Ao longo dos evangelhos, tanto nos bíblicos quanto nos escritos não incluídos no livro sagrado²⁰, nenhuma menção é feita à aparência de Jesus, podemos entender que isso não era importante para quem escreveu, que essa informação não chegou ao escritor através da oralidade ou, se chegou, ele não a viu como pertinente, as idéias e a vida daquele palestino lhe pareceram mais importantes. Retratar a aparência do Cristo não parece ter sido uma preocupação dos primeiros cristãos, o uso de imagens para veneração também não marcou o início da caminhada dos seguidores do nazareno, seguindo o costume judaico de não ter imagens para veneração. O cristianismo primitivo surge como uma corrente do judaísmo, dessa forma muitos dos costumes judaicos fizeram parte da construção dessa corrente.

"No Pentateuco se encontra uma atitude negativa diante da imagem: "não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima, nos céus, ou embaixo, na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás" (Ex. 20,4-5). Em Dt 4, 15-18, a proibição da imagem se baseia na representação idólatra de um homem ou de animais de todas as espécies." (TOMMASO, 2013. P. 79)

No capítulo 2 da sua tese de doutorado, "A gênese da arte cristã", Wilma Steagall deixa clara a relação do deus judaico com a proibição de usar imagens para o culto. A religião monoteísta afastava Deus das características humanas, pelo pecado de Adão o homem se afastou da divindade e, por isso, Deus não poderia ser representado com características humanas, qualquer representação de lahweh²¹ como antropomorfo o aproximaria dos deuses pagãos das culturas que cercavam o

²⁰ Os chamados livros apócrifos.

²¹ lahweh é o nome do Deus judaico cristão. Javé, numa tradução livre.

povo judeu, "O único ícone possível de Deus são as Escrituras Sagradas que permanecem abrigadas no santuário da Torah, nenhuma imagem visível faria justiça à ideia de Deus." (TOMMASO, 2013). O Deus do judaísmo está contido no verbo, não na imagem, tanto que as manifestações desse ser divino na torah são sempre através de elementos da natureza. Destarte, nos primeiros séculos do cristianismo isto perdurou como um provável medo de associação ao paganismo que os cercava, tanto que, ainda no século IV a igreja católica faz condenações ao uso da iconoclastia como modo de expressão religiosa, seguindo o 2º mandamento das leis de Moisés "Não fará para ti imagens de escultura(...)" (Ex 20,4)

Evidentemente, toda e qualquer generalização pode ser falha, o próprio Tommaso esclarece que: "Nem todos os judeus interpretaram a proibição (...) como absoluta, porque também introduziram o uso de imagens em sinagogas" (TOMMASO, 2013). É provável que o uso de imagens, nesse caso, tenha sido feito como forma de ensinar sobre as histórias da Torá e as tradições judaicas, principalmente quanto aos judeus que se afastaram do núcleo religioso no período do exílio.

O judaísmo esteve sob dominação romana e, assim como todas as regiões que estiveram sob o jugo do império, foi fortemente influenciado por ele. É inegável que o judaísmo foi relutante ao uso de imagens, esculturas ou pinturas que envolvessem o mistério que circunda a religião monoteísta, todavia, a iconoclastia não foi excluída de todas as comunidades judaicas e muitos povoados judeus usaram as histórias da Torah para decorar sinagogas ou túmulos, de forma a ser muito mais um ensinamento sobre a passagem do que uma simples pintura ou narração histórica. Ao descrever uma pintura judaica sobre Moisés, Gombrich usa as seguintes palavras, confirmando os costumes judaicos e as intenções da arte nesse meio:

"O artista não era, por certo, muito habilidoso, e isso explica seus métodos simplistas. Mas talvez ele não estivesse realmente muito interessado em desenhar figuras que reproduzissem a vida com fidelidade. Quanto mais fiéis elas fossem, mais o artista cometera um pecado contra o Mandamento que proíbe imagens. A sua principal intenção era recordar aos que contemplassem o mural as ocasiões em que Deus manifestara Seu poder" (GOMBRICH, P. 78)

Mesmo diante de forte influência judaica o cristianismo cresceu cercado de outras culturas riquíssimas e diversas que lhe influenciaram das mais diversas formas. Bebendo no grego e no romano, a filosofia cristã nasce das misturas, cheia de influências.

Para elaborar sua linguagem, a Igreja se serviu de formas, símbolos e mesmo de mitos antigos, ou seja, de meios de expressão pagãos, mas ela não os empregou do mesmo modo que eles serviam ao mundo pagão. A Igreja os purificou e os adaptou. Do mundo à sua volta, o cristianismo absorveu tudo o que lhe podia servir como meio de expressão. (TOMMASO, 2013)

Destarte, assim como toda a construção do cristianismo bebe de outras correntes, a arte e o desenvolvimento de uma iconoclastia cristã não podem ser diferentes. Os primeiros artistas cristãos usaram das catacumbas para reproduzir os costumes de Dura-Europos²² e pintar como forma de ensinar sobre Deus.

Figura 1 - A cura do paralítico (Século III)



Fonte: Gazeta do povo²³

No século IV e.c. recorreram aos modos gregos para representar Jesus e seus Apóstolos, representando Jesus como jovem e os Apóstolos com aparência de filósofos gregos.

²² Dura-Europos: Segundo Gombrich, comunidade judaica onde é possível encontrar o costume da iconoclastia

²³ Disponível em:

<https://www.semprefamilia.com.br/blogs/acreditamosnoamor/15-imagens-dos-primeiros-seculos-do-cristianismo-retratando-jesus-e-os-apostolos/amp/>

Figura 2 - Jesus com os apóstolos (Século IV)



Fonte: Gazeta do povo

Ainda no mesmo século, desta vez na segunda metade, algumas representações recorrem a um Cristo mais maduro, mais próximo do judaísmo da época.

Figura 3 - Cristo entre Pedro e Paulo (Século IV)



Fonte: acidigital²⁴

O século IV e.c. marcou a oficialização do cristianismo no império romano por meio de Constantino e, com isso, o advento de uma necessidade: um lugar de culto

²⁴ Disponível em:

<https://www.acidigital.com/noticias/as-6-imagens-mais-antigas-de-jesus-cristo-86053>

que não herdasse as marcas do paganismo romano. As basílicas²⁵ foram o lugar perfeito para o templo da nova religião, decidido o local de culto surgia a dúvida: como decorá-lo? A escultura estava fora de questão, era trazer a tona o risco de assimilar o cristianismo ao paganismo e assemelhar o Deus inumano do judaísmo aos deuses antropomorfos do paganismo, associando também a imagem da divindade pura aos defeitos humanos de entidades como Júpiter e Netuno, para os romanos, ou Zeus e Poseidon, para os gregos, ou ainda Anubis e Hórus, para os egípcios. As pinturas foram o escape e guiaram a decoração das basílicas cristãs, já no século VI e. c. o papa Gregório declarou: "A pintura pode fazer pelos analfabetos o que a escrita faz para os que sabem ler". Com essa declaração do papa teve início a construção da iconografia cristã, que marca a religiosidade, sobretudo o catolicismo - a figura 1 reforça esse argumento, retrata a cura do paralítico e catequiza sobre o poder de Jesus.

Definida a importância da pintura para o cristianismo, passou-se a representar a imagem de Jesus, dando destaque ao imaginário, à construção de cada artista. A simplicidade de detalhes guiou os primeiros pintores dessa linha que, baseados na fala do papa Gregório, utilizavam sempre dos recursos mais simples e necessários, bebendo das culturas ao seu redor, os artistas utilizaram das técnicas desenvolvidas pelos greco-romanos para contar suas histórias.

"Se Deus, em sua misericórdia, pôde decidir revelar-Se aos olhos dos mortais na natureza humana do Cristo", argumentavam eles, "por que não estaria Ele também disposto a manifestar-se em imagens visíveis? Não adoramos essas imagens em si mesmas, como fizeram os pagãos. Adoramos Deus e os Santos através de suas imagens e para além delas.' Seja o que for que pensamos sobre a lógica dessa tese, a sua importância para a história da arte foi tremenda. (...) as pinturas numa igreja não mais puderam ser encaradas como meras ilustrações para uso daqueles que não podiam ler. Eram vistas como reflexos misteriosos do mundo sobrenatural." (GOMBRICH, P. 85)

Durante o governo de Constantino I foi fundada a nova capital do Império romano, Constantinopla, que unia o império aos territórios do oriente e permitiu a influências de povos como os persas e árabes. A cidade foi construída sobre a antiga capital, Bizâncio. Nesse período os ocidentais beberam muito da cultura

²⁵ Basílicas: Vastos salões - que eram normalmente mercados cobertos - de reuniões que não foram tomados pelo paganismo.

oriental, e vice-versa, isso motivou as disputas ideológicas dentro da igreja²⁶ acerca das mais diversas temáticas, dentre elas as disputas entre favoráveis e contrários ao uso de imagens, o resultado foi a ressignificação do uso de imagens, com estas sendo a representação do sobrenatural, a igreja católica do Oriente tomou para si a finalização da construção das representações e passou a dar características da arte oriental, junto às influências já existentes, às iconografias produzidas para igreja.

Figura 4 - Mosaico de Cristo



Fonte: Pixnio²⁷

Neste contexto, a supervisão e exigência dos bizantinos na elaboração das imagens sacras gerou a repetição de alguns padrões, roupas, faces ou gestos semelhantes aos utilizados na arte grega (GOMBRICH, P. 85), por exemplo. Os artistas bizantinos da idade média, seguindo esses padrões e adicionando suas

²⁶ "Essa questão da finalidade apropriada da arte em igrejas provou ser de imensa importância para toda a história da Europa. Pois constituiu uma das principais questões que levaram as regiões orientais, de fala grega, do Império Romano, cuja capital era Bizâncio ou Constantinopla, a recusarem a chefia do Papa latino. Uma parte era contra todas as imagens de natureza religiosa. Eram os chamados iconoclastas, ou "destruidores de imagens". Em 745, levaram a melhor e toda a arte religiosa foi proibida na Igreja oriental. Mas seus adversários estavam ainda menos de acordo com as idéias do Papa Gregório. Para eles, as imagens não eram apenas úteis — eram sagradas." (GOMBRICH, P. 85)

²⁷ Disponível em: <https://pixnio.com/es/media/cristo-mosaico-de-vertical-cabeza-bizantino>

particularidades transformaram a arte do cristianismo primitivo na grandiosa arte dos templos de culto católico que conhecemos até hoje.

O período da idade média é um bom exemplo da influência de outras filosofias na formação da doutrina católica, a patrística é uma corrente filosófica da igreja, fundada por Agostinho de Hipona, que une os pensamentos de Platão e da filosofia grega antiga às correntes do cristianismo. Já a escolástica, fundada por Tomás de Aquino, utiliza muito dos pensamentos de Aristóteles na sua corrente e isso nos mostra que a construção da igreja católica bebe de diversas naturezas, desde a arte até a religiosidade e a filosofia. No Ocidente os costumes bárbaros, seus padrões de beleza e arte foram aos poucos incorporadas na arte cristã por monges e missionários anglo-saxões, que buscavam o renascimento da arte. Neste contexto Gombrich destaca os manuscritos do "Evangelho de Lindisfarne, feito em Nortúmbria pouco antes de 700 d.C" (GOMBRICH, P. 101), que deixam clara a forma de retratar o humano, baseado nas representações nativas de cada artista, seus padrões e formas de representação.

"(...)os artistas que se haviam criado na tradição de sua arte nativa tiveram dificuldade em adaptar-se às novas exigências dos livros cristão (...) O treinamento de mão e olho que o artista recebera, e que o capacitara a realizar um belo padrão na página, ajudara-o a trazer um novo elemento para a arte ocidental." (GOMBRICH, p. 103)

Novos padrões constantemente surgiam e se modificaram, nesse processo a arte sacra do Ocidente caminhou em outra direção em relação ao Oriente. Partindo da análise das imagens da época, mesmo entendendo as mudanças de padrão, concluímos que a mensagem do papa Gregório, o grande, ainda manteve o direcionamento da arte sacra: os detalhes exagerados eram dispensáveis, a mensagem e a contação da história eram o foco "Tudo o que pertencia à igreja tinha sua função definida e expressava uma idéia precisa, relacionada com os ensinamentos da Igreja." (GOMBRICH, P. 113) Além disso, os artistas do medievo passaram a ignorar elementos naturais ou a representação perfeita da natureza e da forma humana, o foco passou a ser não só o que se via, mas o que se sentia; olhares mais piedosos, mãos mais receptivas - que estendidas representavam o ato de falar -, curvas que representassem o sobrenatural e, dessa forma - junto a influência helênica de representação dos filósofos, sempre barbados, aparentando

sabedoria - os rostos de Jesus e seus santos passam a tomar forma nas pinturas e nas obras de arte.

A chamada idade das trevas deu muita força ao catolicismo, o sentimento de insegurança era constante e o medo tomou conta do imaginário do homem desse tempo (LE GOFF, 2016) esse sentimento trouxe a representação do mal e da impureza como resultado do distanciamento entre o homem e Deus. A religião, que dominava o imaginário e, na imagética, precisava amedrontar, passou a representar o satã que ganhou espaço e feições nas pinturas dos templos, nas casas e espaços dos feudos. Jean Delumeau explica que nos séculos XI e XII aconteceu um boom de expressões artísticas que representavam o diabo e a insegurança que pairava sobre o contemporâneo do indivíduo medieval.

Além disso, Delumeau esclarece a influência de outras culturas na formação da imagem demoníaca

"J. Baltrusaitis mostrou através de comparações comprobatórias que a iconografia demoníaca européia dos séculos XIV-XVI se avolumara com elementos vindo do Oriente que haviam reforçado seus aspectos assustadores. A China enviou assim ao Ocidente hordas de diabos com asas de morcego e com seios de mulher. Exportou dragões de asas membranosas gigantes de grandes orelhas e com um único grande chifre na testa." (DELUMEAU, 1923)

Através desse trecho entendemos o quanto a iconografia cristã bebeu das mais diversas fontes para construir suas representações.

As construções do medievo, sobretudo no período normando²⁸ nos remetem às influências deles na construção e na definição dos padrões arquitetônicos do período, padrões que se alastraram pela Europa e ganharam o nome de "construções românicas", confirmando a teoria de que a arte cristã é formada por diversas influências. O estilo romântico, do século XII, é contemporâneo às cruzadas, isso permitiu o contato e a união dos estilos artísticos do Oriente e Ocidente. Tradicionalmente conservador em seus costumes, o Oriente manteve e permitiu que o estilo românico perdurasse por séculos, já a igreja do Ocidente

²⁸ Período no qual Guilherme, o conquistador, governante da Normandia, no norte da França, dominou a Inglaterra, em 1066. Nesse período, a Inglaterra adotou o francês como língua oficial por 200 anos, assim como a escrita do latim ganhou espaço.

passou por mudanças ainda no século XII, onde surgiu a busca por inovações arquitetônicas, o desuso de muitas paredes e a transformação dos templos em retratos do divino, da grandeza, da nobreza, a imagem e semelhança com a Jerusalém celeste marcaram o estilo gótico. Destarte, a escultura e o retrato de figuras divinas, santos ou pessoas relacionadas à bíblia também acompanhou o processo de mudança, aos poucos as figuras passaram a ser representadas como indivíduos dotados de identidade própria, características únicas, representações artísticas passaram a resgatar ainda mais os modelos greco-romanos de representar o corpo e os tecidos, a natureza voltou a ser referência e o realismo passou a ser um objetivo dos artistas. Contudo, ainda se mantinham as tradições iniciadas pelo papa Gregório.

"Na Idade Média não havia retratos, tal como hoje os entendemos. Tudo o que os artistas faziam era desenhar uma figura convencional e dar-lhe as insígnias do cargo — coroa e cetro para o rei, mitra e báculo para o bispo — e talvez escrever por baixo o nome da personalidade representada, para que não houvesse engano." (GOMBRICH, P. 132)"

Aos poucos, ao longo das transformações artísticas, as formas de representar as histórias sacras foram moldadas à realidade temporal de cada artista. "(...)em certas ocasiões, os artistas do século XIII desenhavam, de fato, sobre algo captado na própria vida real. Fazem-no quando não dispunham de um modelo convencional em que se apoiassem." Com essa afirmação de Gombrich - que remete ao desejo dos artistas de representar a natureza e a preocupação de representar proporção em suas obras -, podemos entender que a representação da face e dos corpos desconhecidos foram inspirados nas observações do dia a dia, de forma que as faces de Cristo podem ter sido criadas a partir dessa metodologia, assim como os padrões reproduzidos ignoravam a historiografia do surgimento do cristianismo, focando apenas no contexto do artista e nas mensagens que o cristianismo medieval desejava passar.

Por muito tempo, sobretudo na idade média, representações artísticas das cenas bíblicas estiveram empenhadas em retratar o sentimentalismo ou a espiritualidade das cenas, deixando de lado a fidelidade do retrato e, até mesmo, algumas características humanas.²⁹ A partir do século XIV, sob a influência de

²⁹ Por muitas vezes a perna era deslocada de lugar, um personagem detinha tamanho fora do padrão e isso tudo era deixado de lado graças ao foco maior de passar a mensagem.

centros como a Itália e a Inglaterra, a representação realista de autoridades burguesas e nobres tornou-se um costume e, na Inglaterra nasceu o chamado "estilo internacional"³⁰, ademais, a representação do Cristo e das figuras santas e divinas segue o mesmo padrão do medieval.

A formação da arte sacra partiu das influências das artes pagãs e dos costumes judaicos, junto às intenções de espalhar a fé cristã e ensinar aos analfabetos, dessa forma se construíram padrões, o próprio Gombrich esclarece que muitos dos artistas da igreja primitiva e medieval tinham o foco na reprodução dos padrões e não na criação de novos modelos. Todavia, a passagem do tempo e os contextos históricos da baixa idade média levaram a Igreja latina às influências do período clássico, possibilitando novos modelos de arte sacra, sobretudo a partir da França, que era o centro referencial de toda a Europa. O padrão do estilo internacional impunha o domínio da reprodução das observações da natureza e representar o corpo com as devidas proporções, o que aos poucos foi transferido à arte sacra e caminhando para o que chamamos renascimento.

Com o advento do século XV os artistas de Florença se dispuseram a iniciar uma nova era da arte e romper com o medieval (GOMBRICH). A arte quatrocentista se diferenciou dos estilos predecessores em tudo, desde a arquitetura, com Brunelleschi que criou uma forma de construção inspirada nas grandes construções da Roma antiga, até o resgate da perspectiva e profundidade tão usadas pelos helênicos do mundo antigo.

"(...)esses mestres florentinos do começo do século XV já não se contentavam em repelir as antigas fórmulas transmitidas pelos artistas medievais. Tal como os gregos e romanos, a quem admiravam, começaram a estudar o corpo humano em seus ateliers e oficinas, pedindo a modelos ou a colegas artistas que posassem para eles nas atitudes requeridas." (GOMBRICH, p. 157)

Os chamados renascentistas passaram a resgatar e aperfeiçoar as representações do humano e da natureza que existiam na arte greco-romana anterior à idade média, não demorou muito para que isso chegasse ao mundo sacrossanto. Embora o intuito permaneça o mesmo desde o Papa Gregório, o grande, as obras ganham

³⁰ A Europa ou, pelo menos, a Europa da Igreja Latina, era ainda uma vasta unidade. Artistas e idéias circulavam livremente de um centro para outro e ninguém pensava em rejeitar uma realização por ser "estrangeira". O estilo que surgiu desse intercâmbio, em fins do século XIV, é conhecido entre os historiadores como o "Estilo Internacional". (GOMBRICH, P. 146)

nova forma, passam a ter uma forte representação, se tornam mais impactantes e buscam ainda mais um realismo chocante.

"Um dos mais radicais desses inovadores foi um pintor suíço, Conrad Witz (1400?-1460?). [Em uma obra que] Está dedicado a S. Pedro e representa o encontro do Santo com o Cristo após a Ressurreição, tal como é descrito no Evangelho de S. João (capítulo XXI).(...) Um pintor medieval que fosse solicitado a ilustrar esse evento milagroso contentar-se-ia provavelmente com uma série convencional de linhas onduladas para assinalar o mar de Tiberíades. Mas Witz desejou mostrar aos burgueses de Genebra como deve ter sido a cena quando Jesus se acercou da orla da praia. Assim, ele não pintou um lago qualquer, mas um lago que todos eles conheciam bem: o lago de Genebra com o maciço monte Salève erguendo-se ao fundo. É uma paisagem real que todos podiam ver e que ainda hoje se parece muito com a reproduzida na pintura. Talvez se trate da primeira representação exata, o primeiro "retrato" de um panorama real jamais tentado. Sobre esse lago de verdade, Witz pintou pescadores de verdade; não os majestosos apóstolos das representações mais antigas, mas rudes homens do povo, atarefados com seus apetrechos de pesca e esforçando-se um tanto desajeitadamente por manter a barca em equilíbrio. S. Pedro parece um tanto perdido dentro da água e assim devia sentir-se, por certo. Somente o Cristo permanece numa atitude calma e firme.(...) Deve ter sido uma experiência impressionante para os fiéis de Genebra, quando contemplaram esse novo retábulo pela primeira vez e viram os apóstolos como homens iguais a eles, pescando no próprio lago de sua cidade, com o Cristo surgindo milagrosamente na praia que lhes era familiar, para trazer ajuda e conforto."(GOMBRICH, P. 164)

Assim, a partir de Conrad Witz, temos o início de um costume que determinará a representação do sagrado daí em diante: usar o cotidiano para localizar ou personificar os personagens bíblicos. Além disso, a partir do século XV surgem várias vertentes artísticas, posteriormente a arte seguia, de forma geral, uma mesma linha de desenvolvimento.

Contudo, as diversas linhas históricas da arte proporcionam as mais variadas interpretações, na Itália do século XV Andrea Mantegna (1431 - 1506) busca seguir linhas voltadas à representação fiel da natureza. Para Mantegna essa representação será voltada também ao contexto histórico e as circunstâncias históricas;

"(...) sabia que S. Tiago tinha vivido no tempo dos Imperadores romanos e estava ansioso por reconstituir a cena tal como poderia ter realmente acontecido. Fizera, para esse fim, um estudo especial de monumentos clássicos. A porta da cidade pela qual S. Tiago acaba de ser levado é um arco triunfal romano e os soldados da

escolta vestem todas roupas e armaduras de legionários romanos, tal como as vemos representadas em monumentos clássicos autênticos. Não é apenas nesses detalhes de vestuário e ornamentação que a pintura nos recorda a escultura antiga. Toda a cena é insuflada pelo espírito da arte romana em sua rigorosa simplicidade e austera grandeza." (GOMBRICH, P. 176)

Dessa forma, fica claro que a formação da arte cristã se deu, do seu princípio até a renascença, através da intercomunicação entre as mais variadas formas e interpretações; as relações entre a tradição judaica de contar suas histórias através da pintura, a despreocupação medieval com a fidelidade à natureza e o desejo renascentista de resgatar a inspiração clássica - desejo esse que se resumiu na busca por reconstrução da supremacia românica e no resgate de seus padrões. Aqui, é indispensável entender Gombrich, quando afirma que não existe Arte, mas sim artistas, dessa forma podemos entender que o uso da imagem e a construção da arte sacrossanta partem desses artistas, que interpretaram e construíram os modelos que perpassam as marcas temporais, tornando-se referência para a afirmação cristã e popular de qual é a face do Messias.

Se torna necessário abordar a imagem do próprio Cristo, que certamente acompanhou toda a caminhada da arte cristã, sendo ela centralizada na Europa ou não. Representações de Jesus são resultados, como já ficou claro, de sincretismos e influências, sua imagem jovem, por exemplo, o bom pastor - muito reproduzida entre os séculos I e III e.c. - tem semelhança às representações de deuses pagãos como Orfeu, Hermes e Apolo. Muitas vezes Cristo está retratado com aspectos de filósofo greco-romano ou com vestimentas semelhantes às do imperador, dando a entender que a sabedoria do messias era semelhante a de seus predecessores e que a origem dessa sabedoria é o berço das civilizações Ocidentais.

Destarte, a retratação do Messias passou a fazê-lo líder, pintá-lo como poderoso e semelhante aos grandes governantes, bebendo dessas influências para representá-lo imponente. De acordo com o teólogo Richard Viladesau, um Cristo barbudo, com os cabelos longos e com feições mais maduras descende das representações de figuras como Zeus e Sansão. O período do renascimento foi determinante na construção da face de Jesus, as tradições medievais e a religiosidade uniram-se à criatividade de inúmeros artistas, ainda no século XV Antonello da Messina retratou o sofrimento de Cristo com rostos de pessoas comuns, no século seguinte Albrecht Dürer retratou a face de Cristo como um

discreto auto retrato - o artista, que possuía barba e cabelo na altura dos ombros, seguiu o padrão de retratar Cristo barbudo, mas deu-lhe suas feições.

Figura 5 - Autorretrato de Albrecht Dürer



Fonte: Flickr³¹

Por fim, vemos a diversidade que a construção de representações abrange, a iconografia, nesse sentido, torna-se resultado de inúmeras mudanças e processos de dominação, mistura e influências. Tratar da iconografia cristã é, também, tratar desses processos influenciadores ao longo da história, ainda mais ao focarmos nas representações de Jesus, sua aparência e a de seus seguidores. A respeito desse processo muitas influências passaram, de questões étnicas como na ásia e no oriente médio onde a face de Jesus ganhou semelhança aos padrões fenóticos dos nativos até autorretratos e uso de costumes greco-romanos, todos esses detalhes contribuíram para a determinação pública de qual seria a face do Messias e dando a entender qual o padrão aceitável para representá-lo.

³¹ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/60861613@N00/3781705632/in/photostream/>

4. O USO DA IMAGEM E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO HUMANA

Neste capítulo busco evidenciar que a imagem tem importância na formação de padrões de pensamento, preconceitos e valores, assim como no contexto cultural de cada sociedade. Diversos historiadores se debruçaram sobre a temática relacionada à História e Imagem ou a representação e sua força na formação de conceitos, Roger Chartier é um desses escritores, deixando claro em seu conceito de cultura que esta é influenciada pelas representações

"O conceito de cultura ao qual adiro [...] denota um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida." (GEERTZ *apud* CHARTIER, 1990, p. 66-67)

Neste contexto, entendemos a força da representação ao longo das construções de padrões e na determinação de símbolos e significados. Além disso, a fala de Chartier deixa claro que a cultura perpassa historicamente, levando marcas do processo de construção histórica e determinando significados.

Para Marc Bloch a história é a junção da sociologia com o tempo, dessa forma vemos que entender a sociedade de cada tempo é fundamental para a construção de qualquer suspeita ou teoria histórica, Michel de Certeau aponta a fonte histórica como resultado de uma pesquisa, de perguntas que lhe são feitas³². Assim, aprendemos a encarar a fonte, entendê-la como produto de uma época, de um contexto, com isso chegamos às fontes iconográficas, que foram produzidas com objetivos. Nessa pesquisa o foco são as imagens teológicas que, além de representarem a época e o contexto nos quais foram produzidos, permeiam também o imaginário de uma grande parcela da humanidade.

Nesta linha entendemos que a elaboração artística - a pintura, a fotografia, o filme ou qualquer outra manifestação - gira em torno de sua realidade, do seu contexto e tempo, tampouco são livres de intencionalidade ou parcialidade e, por isso, nos contam muito sobre seu tempo e a intenção de seus produtores. "As imagens visuais, como documentos/monumentos, permitem-nos conhecer, por

³² CERTEAU, Michel. "Operação Histórica", In: MAUAD, Ana M. Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas. 2016

ângulos pouco habituais, a urdidura das relações sociais. No entanto, não basta olhar, é fundamental estranhar." (MAUAD, 2016)

"Platão e Aristóteles, em especial, combateram-na ou defenderam-na [a imagem] pelas mesmas razões. Imitadora, para um ela engana, para o outro ela educa. Desvia da verdade ou, pelo contrário, conduz ao conhecimento. Para o primeiro, seduz as partes mais fracas da nossa alma, para o segundo, é eficaz pelo próprio prazer que nos proporciona. A única imagem graciosa aos olhos de Platão é a natural (reflexo ou sombra), a única que se pode tornar num instrumento filosófico." (JOLY, M.)

É nessa perspectiva que desejo interpretar a imagem neste capítulo, mostrá-la como ferramenta, estranhá-la enquanto verdade e questioná-la. Por permear uma parte subjetiva, a iconografia nos seduz e impõe padrões que, muitas vezes, se enraízam pelo subconsciente e passam a ser encarados como certeza - de forma proposital ou não.

A imagem é, desde a pré-história, uma forma de manifestação do homem, do seu culto, de externar seus sentimentos e buscar comunicação. Assim, mostra -se como fonte para o entendimento da história da humanidade, possibilitando o desenvolvimento da escrita e da racionalidade humana. "O desenvolvimento da imagem se confunde com a história da arte e da humanidade, quando se verifica sua importância no contexto histórico, social, político e econômico, a qual expressa valores de uma época." (SILVA, ALVES e COSTA). De acordo com isso e com o conceito supracitado de Bloch, podemos entender a formação de uma imagem como resultado de seu tempo e vivências de seus autores, ao tratar das iconografias ao longo do cristianismo tratamos também de sincretismos, influências, construção de preconceitos e estratégias políticas. Nesse processo de construção a face de Jesus e seus seguidores passou por diversas fases, acompanhou a história do cristianismo e sua arte, caminhando de acordo com os interesses de cada época e de cada camada social.

A imagem traz consigo a característica de quem a produz e permite a interpretação de quem a observa. Nas noções artísticas a imagem remete a representação visual, refletindo a visão do artista e sua interpretação do contexto no qual está inserido. Ulpiano Bezerra de Meneses propõe a imagem como artefato cultural detentor de uma biografia, o autor nos convida a entendê-la como objeto repleto de significados e história, representante do contexto no qual está inserido.

Para Eduardo França Paiva, o historiador não deve se prender em armadilhas que o levam a interpretar a iconografia como fonte fiel e determinante da verdade.

"Quantas vezes tomamos uma cena idealizada nos moldes renascentistas como retrato daquele tempo, das cortes, dos homens e mulheres, da cidade e da fé daquele tempo? É preciso saber filtrar todas essas imagens, todos esses registros iconográficos" (PAIVA, 2002)

O autor nos adverte sobre a intencionalidade que cerca a imagem e a necessidade de questionar essa fonte, perguntar sobre as ausências da imagem; recorrendo à questionamentos como: por que retratar isso e não aquilo? Por que essas cores foram utilizadas na confecção dessa imagem? Qual o contexto onde o pintor esteve inserido? Quais suas concepções políticas e sociais? A partir desses questionamentos podemos ver a iconografia como fonte repleta de intencionalidade. Assim, entende-se a iconografia muito além do que ela mostra, tornando-se uma ponte entre a realidade retratada e as outras realidades.

Napoleão Bonaparte foi pintado em uma posição que lhe constrói como herói, dando-lhe esse lugar aos olhos que observam a obra de Jacques-Louis David, na história do Brasil Tiradentes ganhou quadro semelhante aos de Cristo - barba comprida, roupas esfarrapadas, rosto cansado, aparência cansada - dando-lhe lugar messiânico na inconfidência mineira. Partindo da criticidade da fonte podemos entender essa caracterização das personalidades históricas como a visão dos artistas sobre elas, como desejo dos artistas de dar esse lugar às personagens ou ainda uma simples reprodução de discursos de sua época.

"Uma das inúmeras representações instigantes que os pintores dos séculos XV a XVIII produziram intensamente foi a dos continentes, emprestando a cada um deles características que os tornavam mais ou menos selvagens, civilizados, naturais, letrados, belos, perigosos." (PAIVA, 2002)

Figura 6 - Napoleon i St. Bernhardpasset, 1800.



Fonte: STORE NORSKE LEKSIKON³³

Essas representações são intencionais de cada artista e nos permitem interpretações sobre seus medos, entendimento sobre o mundo além mar, preconceitos sobre o novo mundo e o eurocentrismo da época. Muitos artistas apenas copiaram sem entender e reproduziram padrões, entretanto muitos também buscaram construir verdades através de suas telas.

"As diferenças, no plano do que se considerava civilização naqueles tempos [os séculos XV a XVIII] , entre a Europa, a Ásia, a África e a América foram representadas por meio dos animais típicos de cada uma dessas regiões. A associação do cão, doméstico, fiel, companheiro e confiável, aos ambientes europeus teve, em contrapartida, o uso do macaco e, também, do peru, do rinoceronte e, até mesmo, de aves como a arara e o papagaio como sinônimos de natureza rude, selvagem, inconstante, imprevisível." (PAIVA, 2002)

³³ Disponível em: https://snl.no/Jacques_Louis_David

Fica evidente como a iconografia relacionada à cartografia foi fundamental e estratégica na determinação do ideal eurocêntrico, o estranhamento em relação ao novo. Assim como o animal, há cenas nas quais o negro é símbolo de estranhamento e isso, mais uma vez, nos mostra a intenção por trás da construção imagética de cada obra. "Há ainda quadros que substituíram o cachorro por uma coruja, símbolo da inteligência, da erudição e intelectualidade, pintada em patamar superior aos outros animais exóticos da América e da África." (PAIVA, 2002) Prendo-me a este exemplo, ainda, para atestar a construção da superioridade branca desde os primórdios da idade moderna através das mais diversas ferramentas e a iconografia como fundamental nesse processo, mostrando sua utilidade e parcialidade. Além de todo o processo envolvido na sua construção, a iconografia carrega consigo o poder de influência sobre os campos social, cultural, religioso, etc.

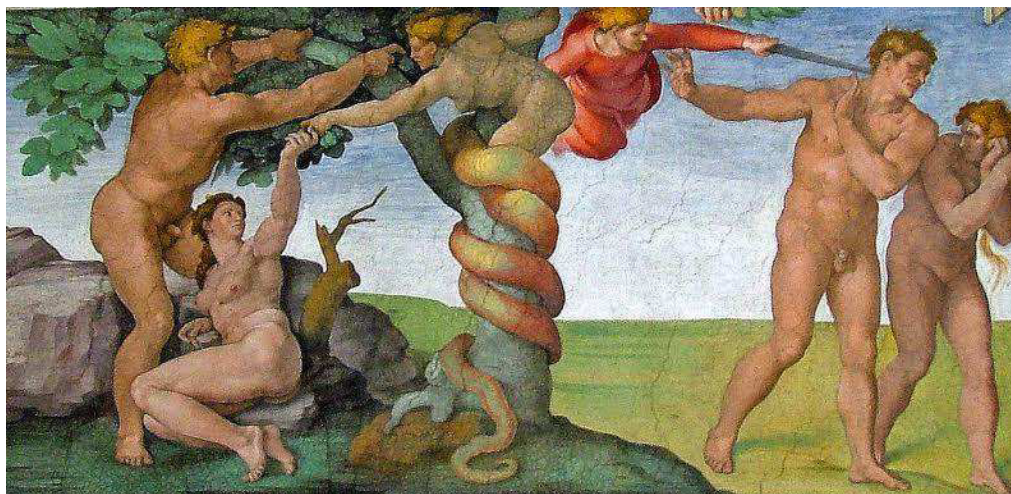
Entendidos a responsabilidade e o significado da iconografia, precisamos perceber o papel desta na religiosidade, sobretudo para o cristianismo. Como ficou claro no capítulo anterior, a imagem - seja ela esculpida, pintada ou descrita - esteve presente ao longo da história da igreja, como forma pedagógica de disseminação da fé e doutrina. "O convencimento, a legitimação, o conhecimento e a própria fé sempre foram devedores da iconografia (...)" (PAIVA, 2002). Destarte, a imagem tornou-se parte fundamental na formação do imaginário cristão, como a representação da morte como uma caveira desde os primórdios do cristianismo e ganhando características específicas de seu tempo, dando a entender que a morte possui feições assustadoras e, muitas vezes, é algo punitivo. As imagens tiveram um papel importante na conversão e na imposição da religiosidade, "Ela [a iconografia], talvez mais que as línguas, foram também usadas como ferramentas de conversão, de comunicação, de imposição cultural, assim como a partir delas se constituíram espaços e dinâmicas de sociabilidade os mais diversos." (PAIVA, 2002). É nessa afirmação que Eduardo França Paiva nos propõe que a imagem foi catequética e usada pela igreja para se impor e cultivar a crença, além disso a imagem impunha o medo; pinturas sobre inferno, pecado e morte, permearam o imaginário, controlando a subjetividade humana e auxiliando na manutenção de costumes cristãos. Tratando da igreja católica, ainda na idade média, a iconografia foi uma estratégia para amedrontar a população, de acordo com Jean Delumeau a imagem de Satã chegou para amedrontar, pintado como um vassalo de Deus que

se voltou contra seu Senhor, o exemplo do anjo caído deveria servir como ensinamento: o vassalo que se vira contra o seu senhor é semelhante ao diabo e tem castigo divino. O mesmo autor ainda evidencia o crescimento do número de imagens sobre o demônio após a incidência da peste sobre a população europeia, encarada como castigo divino, a associação desta à imagem do Satã seria uma forma de mostrá-lo como antagonista da religiosidade e detentor de um poder sobre a carne³⁴.

Entendendo a imagem como determinante na história humana, fundamental no desenvolvimento da história da igreja e na construção de padrões que perduram até a contemporaneidade, precisamos entender também esse papel como determinante na imposição de verdades ao longo do tempo. Uma dessas imposições é a inferioridade da mulher em relação ao homem, culpada pelo pecado original, associada ao pecado desde a idade média, a mulher foi vista como agente do mal, as pinturas da época retratavam a serpente do antigo testamento com rosto de mulher e o diabo com atributos femininos (PAIVA, 2002). Se construiu sobre a mulher um preconceito, toda mulher que soubesse mais que o homem seria repreendida, excluída de conversas e do mercado, o sexo era tabú e deveria servir apenas para reprodução e prazer marculino - ai nascem a misoginia, o machismo, as discriminações e a desigualdade de gênero -, as representações artísticas deram à mulher lugar de pecado, demonização e perversão, isso às relegou lugar já conhecido e objeto de outros debates, o que busco esclarecer com esse exemplo é o determinante papel da arte medieval na desigualdade de gênero contemporânea e, com isso, ilustro o papel estratégico da iconografia na construção de concepções tão presentes ao longo da formação humana. "(...) algumas dessas representações gestadas, impostas e alimentadas pela Igreja, desde muitos e muitos séculos atrás, ajudaram, e bastante, homens e mulheres em várias partes do mundo." (PAIVA, 2002).

³⁴ O corpo humano, seus desejos e necessidades.

Figura 7 - Pecado e banimento



Fonte: Flickr³⁵

Tanto na concepção da mulher como inferior ao homem, quanto na idealização do modelo eurocêntrico - ao associar animais símbolos de inteligência aos europeus e a brutalidade ao ameríndio ou africano, ao retratar o homem negro como bárbaro o artista tem a intenção de colocar o europeu acima daquele dominado e justificar sua dominação.

Não é a toa que o modelo mais utilizado da imagem de Cristo é o modelo mais europeizado possível: cabelos, olhos e pele claros e nariz afilado; esse uso estratégico da imagem é, sem dúvida, uma auto afirmação da superioridade europeia, sobretudo quando chega ao novo mundo no papel de missionário. O europeu impõe o Messias de sua religião, com feições semelhantes às suas, como modelo a ser seguido, dando ao nativo e ao africano, que chegará como escravizado, lugar inferior, duvidando inclusive de sua humanidade.

Tratar da história da arte cristã, da influência desta nas concepções atuais, dos preconceitos, formas de vida e da sua disseminação pelo mundo, é tratar também das navegações e da chegada do europeu à América. É inegável que a produção artística relacionada ao catolicismo, na era moderna, foi majoritariamente de origem europeia. Esses europeus chegaram ao mundo novo como impositores da fé, nesse processo a iconografia foi determinante. Paiva (2022) deixa clara essa influência, quando trata do costume - presente na América latina, sobretudo de colonização ibérica - de nomear as crianças que morrem como "anjinhos", costume herdado

³⁵ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/snarfel/3130705023>

graças a iconografia, peça fundamental da construção dessas sociedades e suas concepções, já que a tradição cristã pinta suas capelas com anjos de feições infantis. "Pelo resultado que se vê hoje nas ruas, nas igrejas e no cotidiano dessas sociedades, não há dúvida sobre os efeitos duradouros dessas antigas representações no imaginário popular." (PAIVA, 2002), é nessa concepção que entendemos a iconografia como determinante no modo de vida, sobretudo envolvendo a religiosidade e a formação imagética.

A iconografia cristã perpetuou o inconsciente e tornou-se determinante, ainda citando Eduardo França Paiva, elenco que a imagem foi uma das responsáveis pelo convencimento sobre a doutrina católica

"O comércio internacional aproveitou-se da potencialidade das imagens na divulgação e na invenção de novos gostos e de novas necessidades. As próprias imagens se transformaram em objetos de intenso comércio. Elas, talvez mais que as línguas, foram também usadas como ferramentas de conversão, de comunicação, de imposição cultural, assim como a partir delas se constituíram espaços e dinâmicas de sociabilidade os mais diversos."(PAIVA, 2002)

A imagem impõe verdades e costumes, desde a idade média, passando pelo renascimento modernista, até a contemporaneidade. Assim como a imagem criou a mulher perversa e propícia para o pecado, foi também responsável pela imaculada e protetora mãe, que aparece pintada com feições meigas e serviu de modelo para mulheres desde a idade média e, sobretudo, no início do modernismo, mais recatada e calada, como era conveniente ao recém nascido sistema mercantilista, que dava à mulher o lugar de mãe e dona do lar.³⁶

Dessa forma entendemos a iconografia como ferramenta na construção de verdades, o papel da mulher, o rosto da morte, costumes, medos e toda uma concepção que advinda do cristianismo. Além de construir costumes, a iconografia também determina padrões e impõe referências, dentre elas o padrão de civilização a ser seguido e a estética aceitável. "Quanto mais se assemelhassem à história e às formas de viver dos europeus, mais próximos da civilização outras culturas estariam." (PAIVA, 2002) essa imposição cultural sobre o não europeu e essa

³⁶ PRIORE, Mary D. Ao sul do corpo; condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil colônia. In PAIVA, Eduardo F. História e Imagem.

supervalorização do que vem da Europa se resumem a um conceito: embranquecimento, o processo pelo qual passava a ideia de civilizar e isso se reflete nos padrões reproduzidos na arte. A busca pelo que é europeu demoniza o que não é, excluindo todo e qualquer diferente.

CONCLUSÃO

Entendendo que Jesus viveu na Palestina e, enquanto judeu, esteve envolto em um período conflituoso da história, ainda no século I o império romano se espalhava pelo mundo antigo, garantia seu domínio e impunha seu governo. Neste período o judaísmo passava por movimentos messiânicos, com João Batista profetizando a vinda de um messias e um judaísmo inclusivo, que viria a transformar a forma de receber excluídos e incluí-los no dia a dia. Jesus de Nazaré surge como um carpinteiro, nascido numa região pobre, e contradizendo tudo que a tradição judaica esperava, pregando a doação, o abandono e o desapego aos bens materiais, acolhia pecadores, pregava no sábado e se postava contra costumes, bem como trazia questionamentos sobre as desigualdades causadas pelo sistema vigente. Assim como João Batista, o nazareno também incomodou a elite da época e, diante de crises políticas, incomodando o império e a aristocracia judaica, Jesus foi condenado e morto.

Proveniente da raia miúda, Jesus pertencia à um judaísmo do século I, judaísmo concentrado na região da Palestina - Israel ou Canaã -, precipitados seríamos se concluirmos sua aparência como sendo ariana ou negróide, presente no Oriente Médio, a região da Palestina esteve sob o jugo de vários dominadores, passou pelas mãos de povos como os "(...) assírios (733 a.C.), babilônios (588 a.C.), persas (539 a.C.), ptolomeus (323 a.C.) e selêucidas (198 a.C.)" (ROCHA, 2004), judeus foram exilados e tiveram seus direitos negados por muito tempo, apenas no reinado de Ciro II, de 559 à 530 a.e.c, os judeus foram estimulados a retornar do exílio e tiveram restaurada a sua liberdade de culto e reconstrução de seus templo.

Apesar de ser uma religião que declara como "o povo escolhido" e, por isso, se resguarda da influência de outros povos, é impossível afirmar que o povo judeu não sofreu com a miscigenação nesse período de idas e vindas, nessa realidade de dominados e dominadores dos mais diversos. Evidentemente, até os séculos XIV e XV, as grandes navegações pareciam distantes e, por isso, cada povo estaria, de forma geral, restrito a si e suas proximidades³⁷. Destarte, podemos entender a

³⁷ Salvo os grandes impérios que investiram na dominação e desbravamento do novo.

aparência de Jesus como algo dúbio, enquanto cidadão do Oriente Médio e membro de um povo de história rica e repleta de prováveis influências externas.

Determinado messias, proveniente do judaísmo e dando origem a uma nova filosofia - que viria a se tornar religião - Jesus, agora Cristo, não teve sua aparência levada em consideração nos anos de sua vida e muito menos depois de sua condenação, é inegável que seu modo de vida e suas palavras chamaram mais a atenção. A formação do cristianismo se deu a partir do judaísmo e deste saíram os primeiros pensamentos, dentre eles o não uso da iconografia, isso certamente contribuiu para que as primeiras retratações de Jesus só viessem após três séculos de sua existência.

Funcionando como religião e com a necessidade de se espalhar para mais adeptos, o catolicismo reconheceu a iconografia como ótima ferramenta pedagógica e passou a utilizá-la, não para retratar com fidelidade o que aconteceu, mas com o intuito de ensinar ao povo sobre a fé e assim atingir as mais variadas classes da sociedade, sobretudo as mais carentes à quem o cristianismo primitivo pretendia agradar. Isso posto, a iconografia adentra no catolicismo e é nesse contexto que a igreja passa a se beneficiar da força que a imagem desempenhou ao longo da história.

De forma geral, o catolicismo se beneficia da imagem enquanto força determinante de padrões e verdades, quando afirmamos isso, entendemos que através da imagem que se espalham padrões - como foi explicitado no capítulo 4, com os casos sobre a feminilidade ou a personificação da morte como uma caveira e de crianças como anjinhos -, preconceitos - quando se representam os europeus como animais civilizados e os habitantes do novo mundo como animais selvagens - e crenças - quando a iconografia permite a analfabetos que entendam os princípios de sua religião através de um quadro, afresco ou escultura. O próprio papa Gregório declarou a força dessa ferramenta e implantou seu uso.

É nesse aspecto da iconografia cristã que desejo chegar, sua importância na construção de padrões inclusivos ou excludentes. O artista está num contexto, expressa valores, sentimentos e verdades nas quais acredita, os padrões que lhe rodeiam, as críticas que deseja fazer e, talvez, as mudanças que anseia, os grandes nomes da arte cristã não fogem deste *modus operandi*; pintam num contexto, o qual, na maioria das vezes, a religiosidade domina. Evidentemente pintam o que lhe

representa a verdade, contudo o uso que suas obras têm e o contexto do tempo no qual são utilizadas lhes foge do controle.

A imagem de Jesus como sendo homem branco, facilmente identificado como ariano, europeu, pode ter sido responsável pela facilitação de preconceitos ao longo da história. Assim como a representação da mulher como inferior e propícia ao pecado lhe deu lugar de submissão ao longo da história, a pintura de anjos com feições infantis foi responsável por botar as crianças no papel de inocência e as pinturas de Napoleão Bonaparte lhe deram lugar de herói na história tanto quanto à Tiradentes pelo mesmo método, as imagens de Jesus mostram, de forma geral, um messias de olhos claros, filho de pais com as mesmas feições e isso lhe dá lugar de europeu, tornando fácil o discurso de eurocentrismo que permeou a dominação sobre o novo mundo e o continente africano.

É evidente que a construção dessa imagem partiu de questões étnicas, os artistas retrataram o que lhe rodeava, mas o filho de Deus representado como um deles parecia mais cômodo e assim o foi. A chegada ao novo mundo e ao continente africano apresentou aos navegantes o diferente e estar agarrado à certeza de que Jesus era como eles deu ao diferente lugar demoníaco ou, ao menos, um papel de inferioridade, justificando a exploração.

Destarte, o uso da iconografia se mostrou uma ferramenta no processo de construção e exploração das regiões divergentes aos padrões europeus - sejam físicos, religiosos, linguísticos ou comportamentais. O presente trabalho traz a reflexão sobre o papel determinante da iconografia cristã na formação de padrões inclusivos e excludentes, o próprio rosto de Cristo como divergente da lógica fenotipicamente palestino-judaica do Oriente Médio mostra que existiu uma estratégia na construção dessa face e os resultados favorecem a branquitude até a atualidade. O legado dessa branquitude se estabelece como semelhante a Cristo, enquanto a diversidade é colocada como inimiga e culpada por qualquer desvio social, como foi imposto nos processos de busca por embranquecimento em todo o mundo.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Bruno P. **O Tratado de San'hedrin: A Manutenção da Identidade Judaica no Talmude Babilônico.** - Campina Grande, 2020.

BASTOS, Paulo R. S. **Jesus de Nazaré e a Palestina do seu tempo: uma análise do Jesus histórico em relação à política de opressão econômica, social e política.** - Juiz de Fora: CES Revista, v. 23, 2009. P. 103-113

BINGEMER, Maria C. **A mãe judia de Jesus de Nazaré.** - Dom total, 2019

CHEVITARESE, André L.; FUNARI, Pedro P. A. **Jesus histórico - uma Brevíssima Introdução.** - Rio de Janeiro: Unicamp, Biblioteca - IFCH, 2012. 67 p.

CROSSAN, John D. **O Jesus histórico: a vida de um Camponês judeu do mediterrâneo** / John Dominic Crossan; tradução de Andre Cardoso. - Rio de Janeiro: Imago Ef., 1994. 544 p.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada.** 1923/ Jean Delumeau; tradução Maria Lúcia Machado, tradução das notas de Heloísa Jahn. - São Paulo: Companhia das letras, 1989.

EHRMAN, Bart D. **Como Jesus se tornou Deus** / Bart D. Ehrman; tradução de Lúcia Britto. – São Paulo: LeYa, 2014. 544 p.

JOLY, Martine (1994) — **Introdução à Análise da Imagem** - Lisboa, Ed. 70, 2007

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval** / Jacques Le Goff; tradução de Mônica Stahel - Petrolina, Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

PAIVA, Eduardo F. **História e Imagem.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PERONDI, I. **Jesus de Nazaré e as separações do seu tempo.** - Goiânia: Caminhos, v. 16, n. 2. 2018. P. 134-147

ROCHA, Ivan E. **Dominadores e dominados na Palestina do século I.** - História (São Paulo), v. 23(1-2), p. 239-258, 2004

REIS, José Carlos. **O lugar da teoria-metodologia na cultura histórica** - 1 ed., Belo Horizonte, MG- Autêntica Editora, 2019.

SCHAMA, Simon. **A história dos judeus: À procura das palavras:1000 a. C - 1492 d. C** / Simon Schama; tradução: Donaldson M. Garschagen - 1ªed. - São Paulo: Companhia das letras, 2015.

SILVA, Marcelo João A. ALVES, Maria da Conceição A. e COSTA, Ivoneide de F. **IMAGEM - UMA ABORDAGEM HISTÓRICA.** Graphica - Curitiba, Paraná, 2007.

TOMMASO, Wilma S. **O Pantocrator de Cláudio Pastro: Importância e atualidade.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - São Paulo, 2013. 203 p.

MAUAD, Ana M. **Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas.** Revista Maracanan, publicação dos docentes do PPGH-UERJ, vol. 12, n.14, p. 33-48 jan/jun 2016